

ARTIGOS

As Fases de Crescimento Cristão

Berndt Wolter, Dr.

Professor de Evangelismo Pessoal e
Público do curso de Teologia do UNASP
Centro Universitário Adventista,
Campus Engenheiro Coelho (SP)

Diretor do Instituto de Missões e Crescimento
de Igrejas do UNASP, Campus Engenheiro Coelho (SP)

berndt.wolter@unasp.edu.br

Resumo: o artigo propõe a reflexão e a análise das fases de crescimento de igreja, bem como as fases espirituais pelas quais o crente passa em sua caminhada ao lado de Deus. Em seguida a essas apurações, as avaliações dos dados e das estatísticas obtidos têm como foco e aplicação a Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Palavras-chave: crescimento de igreja, crescimento espiritual, Igreja Adventista do Sétimo Dia.

The Phases of the Christian Growth

Abstract: The present article proposes a reflection and analysis of the phases of Church Growth, and of the spiritual phases experienced by a believer in his walk with God. On the basis of the data and statistics collected, an evaluation is made on these topics, with a focus and application to the experience of the Seventh-day Adventist Church.

Keywords: Church Growth; Spiritual Growth; Seventh-day Adventist Church.



Introdução

Assim como a igreja apostólica cresceu em meio a lutas e esforços,¹ a Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) também objetiva crescer, mesmo que haja barreiras a serem vencidas. Pois com tal expansão realizada na igreja, o Reino de Deus se expande junto; uma vez que a igreja é o instrumento divino neste mundo. “Desde o princípio tem sido plano de Deus que através de Sua igreja seja refletida para o mundo Sua plenitude e suficiência. Aos membros da igreja, a quem Ele chamou das trevas para Sua maravilhosa luz, compete manifestar Sua glória. A igreja é a depositária das riquezas da graça de Cristo”.²

Para que a igreja cresça em número de membros e em influência sobre o território que a rodeia, é imprescindível que exista crescimento espiritual na vida de cada membro, sobretudo, em relação a IASD que sob a perspectiva de Adventistas encaixa-se em um movimento profético-escatológico. A autora Ellen G. White aponta tal necessidade: “a menos, porém, que os membros da igreja de Deus hoje estejam em viva associação com a Fonte de todo o crescimento espiritual, não estarão prontos para o tempo da ceifa. A menos que mantenham suas lâmpadas espevitadas e ardendo, deixarão de receber a graça adicional em tempos de especial necessidade”.³

¹ White, Ellen G. *Atos dos Apóstolos*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1987, p. 88.

² White, Ellen G. *Atos dos Apóstolos*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1987, p. 09.

³ *Ibid.*, 55.



Foco no crescimento

Ao tratar de crescimento de igreja, as percepções devem ser bem estruturadas e pautadas fielmente nos escritos bíblicos; muitos erros acontecem ao focar elementos errados ou secundários. As cinco principais percepções distorcidas tendem a ser:

1) Coletividade

Há uma percepção um tanto romana que impregna este assunto de crescimento, o indivíduo cresce apenas na coletividade. Em outras palavras o indivíduo não empreende crescimento (cf. Fl. 2:12), aguardando a ordem de alguém ou uma ação coletiva. Surge uma espécie de frustração no membro individual como se nada estivesse acontecendo em sua igreja e uma espiral descendente marcada ou com legalismo ou com decepção marca a vida e a experiência do indivíduo.

A expectativa de acontecimentos experimentados pela coletividade gera um foco demasiado interno, ou seja, a igreja começa olhar para si mesmo esperando que algo aconteça. A igreja tende a se concentrar em uma espiritualidade egoísta, perde o foco, estagna e eventualmente morre, pois “quando uma igreja se torna para si, ela morre”.⁴

2) Transferência de Responsabilidade

A soma de dois elementos coopera para o fenômeno desta transferência.

Primeiro é a vida que está muito exigente e a maioria das pessoas geme debaixo do peso

⁴ Allison, Lon & Anderson Mark, *Going Public with the Gospel*. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2003, p. 30.



das atividades e responsabilidades básicas para a manutenção da vida e soma-se a esse elemento à expectativa clientelística que o mercado consumista estimula. A primeira parte produz um cansaço de iniciativa, uma fadiga da vontade. O segundo item gera a esperança de que a igreja está aí para oferecer um serviço.

Muitos vão à igreja com a muda exigência de que a igreja precisa lhe dar o empurrão espiritual que precisa para se sentir melhor. A frustração então aumenta à medida que a igreja se mostra incapaz de oferecer esse “serviço”.

A jornada de cada um é responsabilidade de cada um.⁵ Cada membro é responsável por sua própria vida espiritual. Ninguém vai fazer por ele/ela aquilo que deveria fazer por si mesmo/a.

3) Instantaneidade

Um pensamento fatalista, também com jeito de convicções medievais contribui para o retardamento do crescimento espiritual. A máxima: “quem tem, já o tem instantaneamente” marca um cristianismo estagnado. Isso explica quando pessoas crêem que há uma espécie de predestinação ou pré-programação embutida na conversão que exclui o empenho de cada indivíduo na luta de conhecer melhor a Jesus e o Seu plano e o propósito para a vida de cada um. Ocorre assim, a estagnação espiritual na vida do indivíduo.

Quando pessoas que têm tal percepção vêem outros cristãos com vida espiritual abundante, reputam tal abundância e vibração espiritual a um status de “escolhido(a)”

⁵ Robert Mulholland, Jr., *Invitation to a Journey*. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1993, p. 30.



ou “favorecido(a)” muito mais do que à dura labuta espiritual de manter uma vida conectada com Jesus diariamente.

4) Atitude de expectador

A atitude de expectador de acontecimentos, muito mais do que agente deles, emaranha o desenvolvimento espiritual individual. Somos expectadores de tantos fatos, que acostumamos com a idéia. A comodidade de apenas assistir é atrativa e sedutora, mas é veneno para o crescimento espiritual. “Sai da arquibancada e entra no jogo!” era o convite veemente de um professor.⁶

5) Inveja espiritual

O desejo de ter o que os outros têm espiritualmente falando, pode ser um estímulo, visto que somos transformados pela contemplação. “A conversa com Deus e a contemplação das coisas de cima transformam a alma à semelhança de Cristo”.⁷ Porém, a comparação excessiva pode tornar-se com muita facilidade uma pedra de tropeço. A cobiça dá origem a diferentes males que minam a base da experiência pessoal com Deus do indivíduo que a pratica.

Cada cristão é único e Deus tem uma trajetória única planejada para cada um. Descobrir esta trilha ou jornada que Deus planejou para cada ser requer persistência, muitas vezes um alto preço e uma fidelidade crescente.

⁶ Oliveira, Jorge Mário., *Anotações de sala de aula*. Engenheiro Coelho, SP: Material não publicado, SALT, 1995, s/p.

⁷ White, Ellen G. *Review & Herald*, Washington D.C., 11/05/1886.



Cristianismo vigoroso

Tendo em mente tais percepções erradas, evidencia-se que um cristianismo vigoroso está sempre apoiado sobre duas colunas. Uma busca intensiva do Salvador também como Senhor e a ação dedicada à obra que este Senhor nos confiou (cf. Tg. 2:14, 17, 18, 20, 22, 24, 26). O membro que age nestas duas frentes experimentará vigor e crescimento espiritual e a abundância que Jesus prometeu (cf. Jo. 10:10). Uma vida assim está à disposição de cada crente que queira e pague o preço de tal esforço. É claro que este vigor e abundância se manifestarão de maneira diferente na vida de cada indivíduo. Mesmo assim a vida espiritual passa por fases, bem como o desenvolvimento da fé, em busca de uma experiência vigorosa, corajosa e audaciosa.

Fases do Crescimento Espiritual

M. Scott Peck descobriu que as pessoas se movem por quatro fases em sua jornada espiritual. Ele afirma que “assim como existem fases discerníveis no desenvolvimento físico e psicológico do ser humano assim também há fases no crescimento espiritual”.⁸ São elas: anomia, legalista, decepção e maturidade.⁹

⁸ Peck, M. Scott. *The Different Drum: Community making and Peace*. New York: Touchstone Editions, 1987, p. 187.

⁹ *Ibid.*, 187-188.

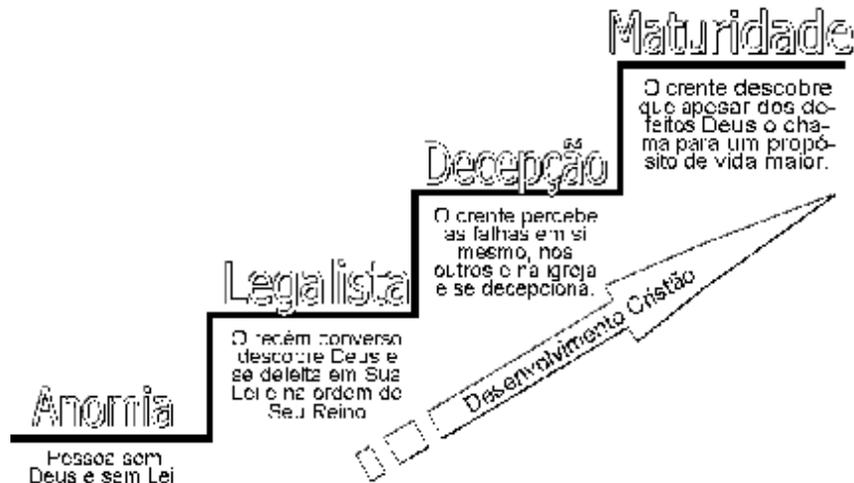


Figura 01

a) **Anomia:** fase em que a pessoa não quer saber de Deus ou tem uma percepção vaga de Deus e da religião, ou os vê como modismos. O centro de sua vida continua sendo o eu. Qualquer coisa que possa cooperar para a satisfação deste eu, pode ser aceita, mas não toca e nem transforma o eu. Aqui está incluído o cristão que com percepção pagã do cristianismo quer usar Deus como mais um item de consumo para a satisfação pessoal.¹⁰

Ao andar sem a Luz em sua vida (cf. Sl. 119:105) a pessoa tropeça na vida machucando a si mesmo e a outros. Com isso, a culpa e o pecado acumulam-se e prejudicam o bom funcionamento das engrenagens da vida e dos relacionamentos. E mais, certo cansaço se amontoa pelo caos que se estabelece pelo rastro de feridas deixadas atrás de si. Porém, nesse instante pode haver o início de uma transição.

¹⁰ Cristianismo paganizado eu chamo aquela prática cristã que não conseguiu abandonar o padrão pagão de abordar a Deus. Enquanto um pagão essencialmente busca seus deuses com a finalidade de satisfazer a vontade do adorador, o cristianismo nega esta abordagem e segue o Mestre Jesus em sua exclamação "não seja com eu quero mas como Tu queres." (cf. Mt. 26:39). Negar o eu (cf. Mt. 10:38), e aprender a fazer a vontade de Deus (cf. Jo. 1:12-13) é o objetivo principal do cristianismo (cf. Mt. 7:21-23).



O pecador percebe que tem algo de errado, mas não sabe o que é, e muitas vezes nem quer saber. Até que Deus, por meio daquela constante e persistente ação misteriosa que opera em nosso ser alcança o coração e fornece nova perspectiva. Em um momento quase como de parto, em um choque entre o desespero e a esperança, Deus se revela ao indivíduo e aquilo que antes não fazia sentido agora se torna o mais profundo desejo do coração. O solo é transformado e a boa semente pode cair e produzir seus frutos.

b) Fase Legalista: a pessoa se rende a Deus e inicia sua jornada com Deus, em um relacionamento pessoal, bem como com Sua igreja; instrumento utilizado para desenvolver os cristãos em sua caminhada espiritual.

Assim, a pessoa reconhece pelo estudo da Bíblia que foi gerada por Deus e apenas funciona bem se submeter-se às leis para as quais foi criada. O cansaço de uma vida sem a ordem de Deus havia se manifestado com tamanha fúria e intensidade que o descanso em Deus parece o início da própria eternidade e do céu. As leis e os mandamentos do Senhor são inscritos em seu coração e passam a ser o seu prazer. Um desejo intenso de fazer as pazes e de remover a culpa e o pecado da vida, somado a uma perspectiva de pureza e a esperança de nova vida, marcam esta fase com grande intensidade. Esse contraste gritante tende a conduzir o converso por expectativas irreais a respeito da natureza da igreja e do poder do pecado sobre o ser humano.

Quando bem preparados, os que se iniciam a fase legalista entendem a luta entre a natureza espiritual e a natureza carnal em seu coração, mas mesmo assim esta



compreensão tende a ficar em um nível teórico, pois a percepção da realidade cristã se dá apenas por meio da experiência guiada e calibrada pela Palavra. É aqui que começa uma nova transição. Afinal, essa é uma fase fortemente emocional e o recém converso tende a ver as coisas com um absolutismo desequilibrado, carente de experiências mais extensas. A busca por cumprir as leis de Deus pode tomar um caminho não saudável no qual o novo crente se embrenha na crítica e discriminação daqueles que não apresentam “seu” fervor.

c) Fase da Decepção: ao passar o tempo, experiências vão sendo feitas, novas percepções entram em vigor. Dessa maneira, irmãos são observados pelo novo converso e depois das primeiras experiências com Deus, algumas perguntas começam a dirigir sua vida: “como é a vida de um cristão que vive há muito tempo com Deus?” ou “me deixa ver o efeito de viver a vida cristã na vida de alguém que anda com Cristo há mais tempo... Será que eu quero isto para minha vida?”

A decepção está aguardando porque a trombada entre expectativas elevadas e a dura realidade da falibilidade humana é inevitável. Não poucas vezes esta experiência fragiliza a fé de novos crentes, visto que pouco a pouco esses observam os defeitos dos irmãos, de líderes, da igreja e, alguns deles, caso tenha uma visão um pouco mais ampla vê também os defeitos da organização como um todo. Como se isso não bastasse, se o crente for honesto consigo mesmo e não deixar se ofuscar pelo perfeccionismo, vê suas próprias lutas e derrotas, e o castelo de sonhos desmorona. A ilusão dá lugar ao real, a expectativa dá lugar ao factual.



Nesta fase o crente se torna ácido, seus olhos parecem se abrir para o defeito. Alguns passam a não enxergar mais nada a não ser os defeitos. Em consequência, não demora muito para que a atitude de impotência em mudar o sistema, bem como a crítica se instalem e minem as forças espirituais que sustentavam a vida. Justamente por esse aspecto, as disciplinas espirituais passam a ser negligenciadas.¹¹

É nessa etapa que alguns querem controlar e supervisionar para terem certeza que as coisas não estão fora de rumo, como se o seu rumo fosse melhor do que o rumo que outros dão. Outros desistem de lutar quando percebem as sucessivas derrotas que sofrem.

Há uma tendência de se estagnar nessa etapa que é cognominada de fase da ‘areia movediça’. Muitos que caem nesta fase perdem o vigor espiritual e, se permanecem na igreja, ficam ali como membros e desistem de progredir em seu discipulado.

Por ser uma fase na qual o crente não é cooperativo com a igreja, ele tende a se tornar desagradável com pessoas que já estão um bom tempo na igreja. Os quais o negligenciam e/ou discriminam, deixando-o marginalizado. Em decorrência disso o tecido social da igreja não está preparado para pessoas assim e muitas vezes esse tecido é preparado para não aceitar a influência “deste tipo de gente”.

A situação piora porque o próprio crente que passa por esse período e o torna visível para outros (todos passam por essa fase, mas nem sempre todos a tornam visível)

¹¹ Foster, Richard J. *Celebração da Disciplina*. Editora Vida, 1983, p 36.



sofre a conseqüência de se tornar cético e cínico e tem dificuldades de aceitar ajuda e mesmo de crer na obra de Deus em ou através de sua vida.

Num pragmatismo doentio que se implantou em meio ao cristianismo “você é ou não é” algo, ninguém permite o desenvolvimento de um processo. Tanto por parte da igreja como por parte do crente que passa por esta fase há desconfianças. “A igreja não muda” diz o crente decepcionado. Enquanto que a igreja diz que “ninguém consegue mudar alguém!”.

É mandatário nessa etapa a atenção pastoral, a aproximação pessoal, o respeito mútuo e trazer o indivíduo para dentro da rede de afeto e atenção da igreja novamente, explicando-lhe a etapa pela qual está passando e que há possibilidades e necessidade de crescimento. Tal ajuda é necessária para entrar na próxima fase de transição.

d) Fase da Maturidade: aqui o crente já passou pelas etapas mais difíceis e começa a desfrutar com equilíbrio e grandeza da sua vida com Deus. Nesse período o cristão sabe que as coisas não são perfeitas, também não tenta usar a lei como ferramenta para arrumar o que está errado, não precisa mais criticar porque percebe a falibilidade de tudo inclusive de si mesmo e por fim, aprende a se importar com as pessoas e com Deus em sua vida. É a fase do serviço maduro. O crente sabe servir e entende que faz bem para as três partes: Deus, a si mesmo e ao próximo e inicia o processo de conhecimento e aplicação dos seus dons.



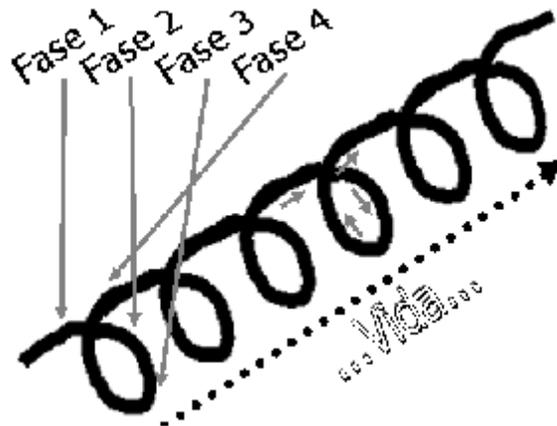
Aqui, o crente suporta a falibilidade humana em suas diversas manifestações, inclusive a crítica daqueles a quem ajuda. Não é que esse cristão não se fira ou reaja fortemente aos abusos que sofre ao tentar servir, pelo contrário, sabe se impor e colocar limites mesmo quando está ferido. Ele aprende a ver a imagem maior: com os olhos fixos no grande conflito entre o bem e o mal e na volta de Jesus, tem motivos e motivação suficientes para seguir avante em seu serviço a Deus e ao próximo. Já não precisa de reconhecimento e muito menos aplausos, pois sabe lidar com a crítica e com o elogio sem perder a sua comunhão íntima com Deus e com a sua igreja. Segundo Deci “a motivação intrínseca é associada a uma experiência mais rica, a uma compreensão conceitual melhor, a maior criatividade e melhor resolução de problemas...”¹²

Apesar da melhoria na caminhada espiritual, essa etapa não deve ser confundida com a fase de um “super-cristão”, pois o converso ainda está e sempre estará sujeito à queda e ao retrocesso.

Fenômeno Cíclico

É difícil apontar na experiência cristã a existência de uma linha de chegada. “Aquele que está em pé cuide para que não caia” como diz Paulo (cf. 1 Co. 10:12). O processo de santificação antes parece nos levar em forma espiral por estas fases de maneira circunstancial. Aqueles que são mais proativos estarão menos sujeitos aos solavancos e guinadas na sucessão destas fases em repetição helicoidal (cf. figura 2).

¹² Deci, Edward L. *Por que fazemos o que fazemos: Entendendo a automotivação*. São Paulo: Negócio Editora, 1998, p. 59.

*Figura 02*

A figura 2 mostra uma linha ascendente no desenvolvimento cristão, o que denota que ao passar por estas fases uma vez, os olhos estão abertos para o ciclo e mais, percebe-se que a maturidade consiste em conhecer esse ciclo e lidar com ele equilibradamente quando as fases nos fazem passar por ele novamente.

Os altos e baixos não deixam ninguém de fora. As recaídas naqueles pontos que já vencemos em Cristo parecem ser o quinhão de todo crente. Quando pensamos que estamos intocáveis pelas etapas já vencidas, Deus providencia experiências por meio das quais temos que renovadamente aprender a lidar com essas “fases já vencidas”. Parece que os cristãos em geral precisam chegar à conclusão à qual Paulo foi conduzido em sua experiência: “a minha graça te basta, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza!” (cf. 2 Co. 12:9). Há crentes que desanimam com a constante luta que não cessa e aí novamente as palavras de Paulo confortam: “estou plenamente certo, de que Aquele que em vós começou a boa obra há de concluí-la até o dia de Cristo Jesus...” (cf. Fl. 1:6).



O natural é que o crente cresça de uma etapa para outra e perca a percepção mágica de religião e passe assim a encarar as novas fases com equilíbrio, melhorando no relacionamento com Deus, consigo mesmo e com o próximo. Dessa maneira, cada vez mais será capaz de abandonar o egoísmo servindo conforme os seus dons.

Estagnação

Infelizmente, há casos que eventualmente, por falta de instrução ou mesmo por estruturas psicológicas ainda não curadas, o novo crente fica estagnado em uma ou outra fase, podendo até retroceder. Esse fato vai fazer mal ao próprio cristão, que não avança na aquisição da beleza do caráter de Deus em plenitude crescente e pode tornar-se danoso à igreja na qual congrega pelas críticas e insatisfações.

De acordo com uma estimativa de Jon Dybdall¹³ entre 35% e 40% dos membros da IASD estão estagnados na fase 2 (legalista) e outros 40% na fase 3 (decepção). Apenas uns 20% a 25% conseguem alcançar a fase 4, que é a da maturidade (cf. figura 3).

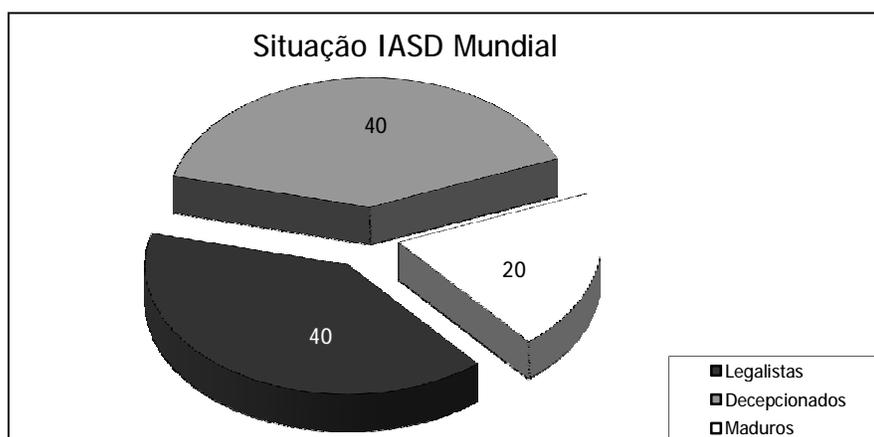


Figura 03

¹³ Dybdall, Jon. *Spiritual Formation*. Anotações de sala de aulas no programa de D.Min. da Andrews para pastores da Divisão Trans-Européia no Newbold College em Julho de 2002.



Segundo essa estimativa, boa parte da igreja estacionou em alguma fase do desenvolvimento.

Atualmente, verifica-se grande número de membros na fase 2 e 3, pois a IASD é uma igreja crescente e que lida com muitos novos conversos. A julgar pelas taxas de crescimento de igreja experimentados no Brasil, devemos ter entre 50% e 60% dos membros com mais de cinco anos de igreja distribuídos nas fases 2 e 3,¹⁴ pois quanto mais membros maduros uma igreja tem, maior seu empenho na causa do Senhor (cada um conforme o seu dom), produzindo conseqüentemente taxas de crescimento mais altas.

Lidando com a realidade

Tendo em vista esta bagagem como é possível avançar para a última pregação vigorosa do evangelho? Como acelerar o passo desta enorme embarcação chamada igreja, quando uma parte significativa da tripulação está parada em seu desenvolvimento e conseqüentemente incapacitada de trabalhar? O que fazer para que um maior número de membros esteja conscientemente avançando no processo de desenvolvimento rumo à maturidade, para que pessoas sadias e equilibradas preguem o evangelho com vigor e ousadia?

É costumeiramente mais fácil conduzir pessoas da primeira fase, que é a da ausência de Deus para a segunda, o período legalista. Mas como conduzir pessoas da

¹⁴ Estimativa baseada no desenvolvimento das taxas de crescimento de igreja experimentados nas últimas cinco décadas.



fase 2, legalista, para a terceira, que é a da decepção? E da fase 3, decepção, para a quarta, a da maturidade; que finalmente é o objetivo a ser alcançado? Como conduzir pessoas e igrejas, de diversas regiões, que estão nas diferentes fases rumo à maturidade?

A resposta para todas as indagações está em um ministério como o de Jesus. Essa é a necessidade. Ele gastou mais tempo curando do que pregando e muito mais tempo ainda capacitando. Vinte e quatro horas por dia Ele investiu nos seus discípulos capacitando-os para que fizessem parte da grande obra que Ele começou e para que delegassem outra parte dessa obra para outros discípulos, que eles por sua vez capacitariam. Nota-se, portanto, que o discipulado é imprescindível e a chave para a vitória na jornada espiritual individual e da igreja como um todo; é ele instrumento que possibilita a chegada e a permanência na fase da maturidade.